

Dilema: como chegar a um acordo com o Clube de Paris?

Procura-se uma solução para que o Brasil possa, sem passar formalmente por um acordo com o FMI, voltar a ter um acordo com o Clube de Paris. Três dias atrás, o ministro Dílson Funaro e o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, tiveram um encontro escondido com o presidente do FED (Banco Central dos Estados Unidos), Paul Volcker. O clima foi mais favorável de que nas entrevistas passadas. Naturalmente, insistiu-se em que o Brasil desse um passo na direção do FMI, o que iria abrir novas portas não apenas no Clube de Paris, que reúne os credores oficiais, como também pa-

ra os bancos comerciais. No entanto, o presidente do FED admitiu que poderia ter uma solução que não seja propriamente dito um acordo stand by, já que o Brasil não tem problemas de liquidez.

Ontem, o encontro de nossos dois representantes foi com o secretário-geral do Clube de Paris, o francês Jean-Claude Trichet, diretor de Tesouro. Mostrou-se atento à boa disposição do Brasil de manter um contato mais íntimo com o FMI, através dos mecanismos do artigo 4 dos estatutos da instituição, em que as consultas que o Brasil poderia aceitar mais freqüentes com o organismo

internacional representariam um certo aval do FMI. Nenhum dos diálogos foi conclusivo mas pensa-se na delegação brasileira que a questão está tomando um novo rumo, que poderá se concluir depois das eleições de novembro.

Por outro lado, o Brasil pretende estudar a legislação dos diversos países credores para ver se uma redução das reservas nos bancos centrais exigida dos bancos credores que fizerem operações de relending não poderiam ser reduzidas para permitir uma redução do spread exigido dos devedores. (R.A.)